

INVESTIGANDO A ESCOLA COMO AMBIENTE PARA A PRÁTICA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

Antonio Miguel Garcia

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências
Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, SP
proftoka@hotmail.com

Mara Alice Fernandes de Abreu

Profª Voluntária Doutora do Departamento de Educação
Docente do Programa de Pós- Graduação em Educação para Ciências
Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, SP
mafabio@fc.unesp.br

Introdução

De acordo com Sayão apud Aquino (1997) é papel da escola a abordagem de pontos de vista, valores e crenças como estímulos à reflexão do aluno sobre a sua sexualidade, apontando para um trabalho de complementação ao da família. Dentro dessa idéia, a orientação sexual na escola deve ocorrer em consonância com os valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem, de forma explícita ou implícita em sua família.

Segundo os PCNs (BRASIL,1997), ao se tratar da sexualidade humana como tema transversal, deve-se atender à crescente preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da infecção pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens, de modo a possibilitar a realização de ações preventivas de forma mais eficaz.

A orientação sexual desenvolvida na escola, segundo Aquino (1997), deve ocorrer em âmbito coletivo, informando e discutindo a sexualidade em suas dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais, articulada ao projeto educativo, de modo a exercer uma ação integradora das experiências vividas pelo aluno e no qual deverá ser incluída, como um elemento ligado à sua vida, à saúde e ao bem-estar. Na escola, o jovem entra em contato com outros valores e significados ao discutir a realidade sentida por ele e acaba elaborando sua própria conduta (BRUNS,1995). Para ocorrer maior compreensão da sexualidade humana, dentro da escola, Neves (1997) propõe que as discussões, incluam os professores, pais e alunos, pensamento compartilhado por Bueno (1997), ao se referir à parceria entre a escola, família e comunidade.

Suplicy apud Ribeiro (1993) refere que a orientação sexual na escola tem basicamente três objetivos: suprir as lacunas de informação existentes no adolescente, discutir os preconceitos e analisar os conflitos dos adolescentes, abrindo um espaço afetivo, no qual ele possa falar de suas angústias e medo.

A simples informação feita através de palestras na escola não é suficiente para a adoção de comportamentos preventivos, havendo a necessidade de se estabelecer atividades continuadas, pois quando os palestrantes deixam a escola, os professores, em geral não dão conta de trabalhar as dúvidas e inquietações dos adolescentes Santos & Bruns (2000). É destacado por Fagundes (1992) que ao se promover discussões abertas entre alunos, fundamentadas na troca de idéias e informações, pode-se conduzi-los à descoberta de seus próprios padrões, opções e caminhos.

Dessa maneira, a abordagem escolar da sexualidade torna-se necessária, quando favorece discussões, abrindo oportunidade para o diálogo, diminuindo a ansiedade e

expectativa, facilitando a aprendizagem, além de servir como elemento que contribui para o conhecimento e a valorização dos direitos sexuais e reprodutivos.

Metodologia

Dentro do objetivo de se pesquisar se o ambiente escolar é o espaço ideal para se tratar da orientação sexual, de modo a favorecer a construção de conceitos integradores sobre a sexualidade humana, considerando a realidade vivida pelo aluno, a orientação dos PCNs (BRASIL,1997) em relação ao papel do professor e da escola na orientação sexual e ainda, como a família percebe a participação da escola na construção da sexualidade de seus filhos, foi realizada pesquisa qualitativa (Ludke & Marli, 1986) que se utilizou de questionários e entrevistas aplicadas aos docentes, discentes e genitores de alunos de duas escolas da Rede Pública Estadual (A-periferia e B-centro) do município de Bauru (SP). Tais procedimentos investigaram a percepção dos professores, alunos e pais de alunos (8ª série do Ensino Fundamental, períodos vespertino e noturno) sobre a viabilidade e adequabilidade do oferecimento de um programa de orientação sexual, envolvendo os três segmentos: família, escola e educando.

O estudo incluiu discentes (escola A) que manifestaram interesse, curiosidade e vontade em participar de atividades que pudessem resolver suas dúvidas e administrar problemas ligados à sexualidade e discentes (escola B) que já haviam participado de uma programação formal de orientação sexual, que abordou os aspectos biológicos da gravidez precoce, DSTs e drogas.

Na construção dos questionários foram empregadas questões abertas, de múltipla escolha e de associação, de modo a favorecer as manifestações dos três segmentos estudados e explorar os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais.

Os dados obtidos dos questionários e da “entrevista semi estruturada” aplicada a um grupo de docentes e discentes foram reunidos observando-se como critérios as categorias (docentes, discentes e genitores), as escolas (A e B) e os gêneros (masculino e feminino) investigados, considerando-se para cada um desses aspectos, as informações referentes à necessidade de oferecimento de orientação sexual na escola, com participação conjunta desses três segmentos.

Resultados e Discussão

O papel da escola na orientação sexual

-Docentes

Na escola A, os docentes optaram pelos especialistas no tratamento da sexualidade, enquanto que na escola B referiram a não abordagem do tema, por ser este complexo.

Destacaram “a dificuldade dos pais em dialogar com os seus filhos”, “o apoio da escola facilitado pelo diálogo mais aberto com os alunos” ou ainda, funcionando como um “auxiliar do papel fundamental da família” e considerando a orientação sexual como atividade que “faz parte do ensino e se constitui papel da escola”. Sugeriram que esta orientação “aborde o tema com cuidado para não ferir a família”, salientando que “a escola deve ser parceira da família”.

Tais referências encontram amparo em Sayão apud Aquino(1997), Brasil (1997) e Werebe (1998) os quais apontam também como papel da escola, o auxílio à família, evitando

competir com ela, desenvolvendo uma atividade complementar à orientação já recebida no meio familiar.

Os docentes referiram a escola como “local adequado”, onde a “linguagem é mais aberta”, ocorrendo ações educativas nas quais as trocas de informações e de idéias se dão sem inibições ou repressões. Igualmente aos professores investigados, Suplicy apud Ribeiro (1993); Bruns (1995); Vitiello (1995); Werebe (1998) e Pinto (1999) já apontavam, em seus trabalhos, a escola como local adequado para se tratar a diversidade de valores, pois acreditam esses autores, que nela, o jovem confronta as novas informações com aquelas trazidas por ele e elabora suas próprias condutas, desenvolvendo seu potencial como ser sexual e social.

- Discentes

A totalidade dos discentes apontou para a importância da escola na ampliação de seus conhecimentos sobre sexualidade: “a gente aluno tem de ter conhecimento e estar por dentro das doenças”, “ter conhecimento do mundo aí fora e tomar nossas próprias precauções”, “importante para a prevenção da AIDS, DSTs e gravidez precoce”. Propuseram que fosse desenvolvido um programa de orientação sexual contínuo na escola, iniciado a partir da 5ª série do ensino fundamental. De forma semelhante aos docentes, os discentes vêem na escola a possibilidade de discutir a realidade sentida por eles em relação aos valores socioculturais da sexualidade, até chegarem a uma referência própria (VITIELLO, 1995; BRUNS, 1995; BRASIL, 1997; NEVES, 1997; BUENO, 1997 e WEREBE, 1998).

- Genitores

Os genitores de ambas as escolas reconheceram o papel dos pais e mães na orientação sexual dos seus filhos e filhas, sendo que na escola B, os genitores demonstraram ainda, a necessidade de receberem também tal orientação. Referem também a escola, como o local adequado para que se dê a orientação sexual dos seus filhos, ressaltando que nela podem obter esclarecimentos corretos e próximos da realidade, de forma descontraída e como complemento para a educação sexual familiar.

Revelam também, que na escola os discentes se sentem mais à vontade para falar sobre a sexualidade por estarem junto aos amigos. Os genitores reafirmam a adequabilidade da escola como espaço facilitador do diálogo, quando confirmam a disposição em participar de programas de orientação sexual na escola, destacando os benefícios do trabalho coletivo entre a escola e a família, uma vez que consideram o conteúdo ensinado no ambiente escolar, sempre como correto. Essas considerações são encontradas descritas na literatura por Conceição (1988), Zordan & Schmidt (1996), Sayão apud Aquino (1997), Brasil, (1997), Bueno (1997), Neves, (1997), Aquino (1997) e Werebe (1998), quando os autores enfocam o papel da escola como capaz de promover a ampliação do conhecimento dos familiares em relação à diversidade de valores existentes na sociedade e sugerem o desenvolvimento de trabalhos capazes de integrar pais e filhos adolescentes, identificando as dificuldades que os genitores têm em lidar com a sexualidade e ainda, suas necessidades para auxiliar, informar e trocar idéias e valores com os filhos.

Conclusões

A escola foi considerada espaço adequado ao desenvolvimento de um programa que envolva os três segmentos (docentes, discentes e genitores), que contemple os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais da sexualidade e se efetue de forma contínua.

A escolha do ambiente escolar pelos docentes justifica-se por acreditarem que esse local favoreça o diálogo mais aberto com os alunos, buscando atender às expectativas e

dúvidas dos adolescentes, apoiando-os de forma a complementar a orientação sexual recebida no meio familiar.

Os alunos reconheceram o ambiente escolar como propício para se discutir a realidade sentida por eles criar uma referência própria da sua sexualidade; além disso, salientaram que a abordagem de temas ligados à sexualidade, possibilitaria alertá-los para a prevenção das DSTs, AIDS, drogas e gravidez precoce.

Os genitores relataram como benefícios para a orientação sexual na escola, o tempo de convivência dos alunos, como aspecto favorável para sentirem-se mais à vontade para falar sobre o tema. Referiram também, que a abordagem de temas como DSTs, AIDS, drogas e gravidez precoce, atuariam como elementos preventivos e que os esclarecimentos corretos e próximos da realidade tenderiam a proporcionar aos alunos a reflexão sobre os seus valores sexuais e sociais.

Referências Bibliográficas

AQUINO, J.G. (Org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, Ética, Brasília: MEC, SEF, 1997, 436p.

BRUNS, M. A. T. Educação Sexual numa visão mais abrangente. *Rev. Bras. Sex. Hum.*, São Paulo, v.6, n.1, 1995.

BUENO, S. M. V. Pesquisa - ação com delegados de ensino sobre sexualidade, DSTs, Aids e drogas. *J. Bras. Doenças Sex. Trans.* v. 9, n. 3, p.16-28, 1997.

CONCEIÇÃO, I. S. C. Educação Sexual. In: COMISSÃO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA. Adolescência hoje. São Paulo: Roca, 1988. p. 71-76.

FAGUNDES, T. C. P. C. Educação sexual: prós e contras. *Rev. Bras. de Sex. Hum.*, São Paulo, v. 3, n. 2, 1992.

LUDKE, M.; MARLI, E. D. A pesquisa em educação: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

NEVES, F. R. A. L. Sexualidade humana, uma abordagem pedagógica. *Rev. Bras. Sex. Hum.*, São Paulo, v. 8, n. 1, 1997.

PINTO, E. B. Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Gente, 1999

SANTOS, C.; BRUNS, M.A.T. A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a *praxis* pedagógica. São Paulo: Ômega, 2000.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J.G. (Org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

SUPLICY, M. Educação e orientação sexual. In: RIBEIRO, M.. Educação sexual: novas idéias, novas conquistas. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1993.

VITIELLO, n. Outra vez a Educação Sexual. Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, São Paulo, 1992.

WEREBE, M. J. G. Sexualidade, política e educação. Campinas: Autores Associados, 1998.

ZORDAN; SCHMIDT. Percepção dos pais acerca da sexualidade dos filhos na adolescência.
Rev. Bras. Sex. Hum., São Paulo, v.7, n.2, p.196-212,1996.